Cowan, James. **O Sonho dos cartógrafos**: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza no século XVI. Tradução de Maria de Lourdes Reis Menegale. Rio de Janeiro: Rocco; 1999.

Resumo por Bárbara Moraes Santos

**Introdução**

No fim dos anos de 1980 pesquisando sobre a vida de Lord Byron na Ilha de San Lazaro o autor encontrou, em um mosteiro, que na época servia de museu, um diário escrito por um veneziano do século XVI, chamado Fra Mauro, que viveu no Mosteiro de San Michele di Murano. Era um documento raro que continha as reflexões de um clérigo da renascença e por isso deixou de lado a pesquisa sobre Lord Byron e passou a se dedicar aos estudos e tradução desse documento, a fim de esclarecer os costumes da época no qual Veneza estava em seu auge de poder, esperando disso lançar luz sobre o paradeiro do mapa no qual esse monge trabalhou e tanto citou no diário, sendo para o autor estranho que ambos não se encontrassem juntos tendo o mapa sido provavelmente requisitado pelas autoridades Venezianas a fim de preservar a superioridade marítima desse povo.

Fra Mauro preocupava-se com a motivação dos homens em seus atos mais do que mostrar em seu diário os costumes da renascença observando o mundo como se estivesse fora de seu tempo e o vê em suas formas eternamente repetidas, quanto sua religiosidade, sente-se que ele o usa sem exageros, não permitindo que a Igreja católica se colocasse entre ele e a verdade. Seguindo assim os pensamentos de sua época.

Em seus anos de mosteiro se tornou especialista em cartografia, um “criador de mapas” e embora saindo pouco do mosteiro tomasse a moda científica da época de” olhar para fora” fazendo do mundo o seu laboratório, ainda que se contentasse em deixar que os outros fizessem as investigações por ele. Sobre seus informantes é preciso dizer que provêm de todos os seguimentos da vida pública do século XVI. Mercadores, viajantes, eruditos, núncios, embaixadores professores e oficiais.

Capítulo Um

O monge expressa que em seus escritos o objetivo é que reflita sobre seus interesses, quer deixar registrados seus planos para uma viagem que extrapole as fronteiras até então conhecidas e discorra sobre as possibilidades, ao em vez de abordar as coisas prosaicas já conhecidas. Conta que havia abandonado ciências com a Matemática e a Física para estudar o mundo que outras pessoas haviam encontrado. Sendo Fra Mauro um homem maduro e bastante corpulento ele assume que sua imagem perante os outros e de um ser preguiçoso, afirma também que tem medo de fazer viagens. Porém acredita que a cartografia, para ele não é apenas um passa tempo, mas reconheça a beleza e importância da rosa dos ventos e das linhas cartográficas.

Conta um pouco da obra de seu herói Ptolomeu e sua impressão sobre mapas como as Índias *Orientais, Mares Pacifis, Totius Africa, Pars Orbis e Americae*, onde todos os nomes se remetem ao oriente, seus mitos e mistérios que atrai os homens passando o limite do mundo. Correlaciona a sua crença e sua obsessão por mapas e histórias de viajantes acreditando que eles não entram em conflito. Sendo seu papel como cartógrafo equivalente ao descobrimento do mundo no qual dá sentido a conhecimentos dispare feito pelos aventureiros em contra ponto com o desprezo de seus colegas monges que veem sua paixão como obra do demônio.

Capítulo Dois

Discorre sobre a até então capital do mundo Jerusalém e suas vontades de monge de se prostrar em lugares sagrados e de como certo guia de peregrinação a tal capital o encheu de excitação. Sua experiência como frade tem, todavia levado a crer que realmente essa é a capital do mundo, pois ocorreu o milagre de um homem morrer como Deus.

**Capítulo Três**

Neste capítulo Fra Mauro, em sua pequena cela de pedras cinzentas, com cheiro de vela, encontra-se inquieto, pois vive a procurar por coisas que desafiam a lógica. Conta dos homens que viajaram ao Ártico e falavam de trenós puxados por renas e de suas buscas pelo silêncio. Este silêncio buscado pelos viajantes o monge diz conhecer quando se ajoelha para rezar.

Neste capítulo também busca o Monge um viajante que estava na Índia à procura de especiarias e pedras raras, onde se deparou com o inusitado, o túmulo de um Imperador que deu origem a um doce jardim que o homem acreditava ser um milagre. Era essa a forma de seu silêncio e por isso se tornou real ao frei que se indagava quanto como colocar em seu mapa tais emoções.

**Capítulo Quatro**

Tudo o que o monge conhece do mundo é o som da marreta do estaleiro do Arsenal repleto de pessoas. Essa é a Veneza que ele ama. Esse relato dá a entender quantas poucas vezes ele saiu do mosteiro e quão pouco ele conhece o mundo fisicamente isso em paradoxo com os viajantes que lhe buscam conselhos.

Narra à vez em que um erudito o visitou descrevendo uma múmia egípcia que segundo ele era a expressão da paz de espírito.

Indaga sobre a morte sobre a possibilidade de sermos todos vitimas de uma ilusão sobre ela.

**Capítulo Cinco**

Recebe a visita de um Judeu idoso que vivia em uma ilha até o domínio otomano quando buscou um lugar melhor para se viver. Ele correlaciona esse fato de sua vida com o êxodo de seu povo do Egito o que lhe impulsionava buscar uma terra onde haveria abundância de leite e mel. Sentado na cela de Fra Mauro o judeu informou sobre as zonas portuárias de Rodes, Creta e Chipre e sobre o declínio de sua religião por ali.

Separado de suas origens como homem e como judeu o mostra como a expressão da tristeza de seu povo em especial quando diz que “abandonar o lugar que “amamos significa ficarmos condenados a conviver com a nossa perda pra sempre.”.

O monge correlaciona à vida do Judeu com a sua vida em clausura.

**Capítulo Seis**

O monge recebe uma carta de um amigo que procura uma imagem de Nossa Senhora de Damasco que havia sido vista pela ultima vez em Chipre. Essa imagem se dava vagando junto à ordem, quando um imperador ofereceu a essa abrigo tudo indicava que lá se encontrava a imagem. Para a felicidade do amigo ele a encontrou em uma pequena igreja. A imagem em nada parecia com as virgens venezianas, retratava Nossa Senhora a maneira oriental o que fazia com que o monge não entendesse tamanho interesse por ela a não ser alguma propriedade milagrosa. O amigo ao demonstrar seu entusiasmo ao descobrir a imagem faz perceber a importância dele, pois não se trata de uma imagem qualquer, mas sim de uma imagem com história q tinha adquirido vida própria nas profundezas do mar onde esteve perdida por tantos anos.

**Capítulo Sete**

Recebe a visita do superintendente do Conselho dos Dez de Veneza que busca a sua ajuda para traduzir uma série de papéis repletos de mapas turcos com o intuito era assegurar de que aquela série de mapas continham informações ameaçadoras a segurança de Veneza.

O autor do mapa, Hadji Ahmed havia sido capturado quando retornava para sua casa em Túnis, e depois foi trazido a Veneza como escravo. Seu mapa em formato de coração possibilita mostra todos os hemisférios quase sem distorção era contornado por uma série de desenhos retratando hemisférios celestes revelando constelações conhecidas pelos navegantes. O mapa surpreendeu o monge por sua complexidade e o alcance de informações na margem. As fontes de Hadji Ahmed eram intrigantes, pois ele deveria ter se encontrado com marinheiros que se aventuraram muito longe, pois continha muitas informações como a existência de tribos nas margens do Amazonas.

Era um mapa muito bem feito e com muitos detalhes, mas o monge não encontrou evidências que ameaçassem Veneza como propunha o superintendente.

**Capítulo Oito**

Recebe de um viajante um documento que detalhava a história dos primeiros missionários cristãos que se aventuraram na China cujo qual fora dado em forma de pagamento ao viajante e fora então comprado pelo monge.

O documento continha a profissão da fé católica, o capítulo onze descrevia em detalhes os primórdios do cristianismo. Seja lá quem fosse o missionário anônimo ele havia impressionado seus anfitriões chineses, pois eles acolheram sua doutrina. O monge ficou impressionado com este missionário, pois ele havia viajado aos confins do mundo para divulgar o amor e uma religião.

No fim do capítulo o monge se sente lisonjeado em ter sido escolhido para avaliar o valor deste documento.

**Capítulo Nove**

A fama do trabalho de Fra Mauro está crescendo e chega aos cantos mais remotos e ele reconhece existir muitos como ele que o buscam para compartilhar suas pesquisas a eles ele dá o nome de *Illuminati*. São como irmãos, esse termo foi lhe dado por um correspondente da Mesopotâmia que havia encontrado em uma biblioteca escrito por um monge persa chamado Simão de Taibuteh, um dos últimos seguidores de Hipócrates e Galeno. Hipócrates foi um famoso físico que estudou medicina, admitia e abertamente como curava doenças, ao mesmo que reconhecia seus erros o que hoje dá origem ao juramento de Hipócrates que garante a ética na medicina. Galeno foi médico na época de Marco Aurélio e Marco Antônio que no início de sua carreira visitou seminários na Grécia e Egito.

Simão era considerado como o “chefe dos teóricos” e um filósofo espiritual de renome. Seu trabalho era difícil de ser entendido, curiosa mistura de visão mística com observação científica, argumentava que os conhecimentos só podiam ser adquiridos com uma combinação de sentidos do corpo e faculdades da alma e reconhecia a importância do erro no aprendizado.

Como *Illuminati* o monge e seu amigo estavam empenhados em traçar o caminho de viajantes como Simão.

**Capítulo Dez**

A elaboração do mapa de Fra Mauro toma dimensões muito maiores do que as iniciais, pois o monge não esperava receber tanto conhecimento que por vezes são contraditórias, pois passam pelos sentimentos e reflexos de cada um que buscava o monge que se indagava se seria aquela a visão correta do mundo. Ocorreu à ideia então de fazer um mapa que conteria todos os mapas, um mapa difícil de ser definido; devido à falta de definição.

**Capítulo Onze**

Um emissário do vaticano foi conversar com Fra Mauro, a notícia de seu projeto havia chegado ao Vaticano e o Papa lhe envia documentos que julgava importantes para pesquisa do frei.

Algo que logo lhe interessou foi o diário de um Monge Franciscano Johanes de Plano Carpini detalhando a viagem ao país Tartaro, onde conta um pouco da população local e de suas estranhas crenças, observações calmas da Fra Johanes que ainda que descrevendo estranhezas passa a sensação de que o mundo tinha uma ordem, um equilíbrio.

As informações despertaram a curiosidade de Fra Mauro, que na tranquilidade do outro monge fazia real um mundo onde o povo dava pouca importância aos hábitos civilizados.

**Capítulo Doze**

Entre os papeis legados pelo Papa estava o diário de outro frade itinerante, William de Rubrouck que também havia viajado a terra dos tártaros a pedido do Rei Luís da França, com a missão de procurar o príncipe cristão Preste João, pois ambos tinham o desejo comum de conquistar os sarracenos.

Em contato por carta Preste João dizia que o frade seria tratado com cordialidade e respeito, fala de seu poder e do domínio de seu reino que se estende das Três Índias até à Índia mais distante onde está enterrado São Tomé, o Apóstolo.

Tal carta deve ter despertado grande curiosidade nas cortes europeias. A viagem do Frei foi autorizada. Ele navegou do Acre, na Terra Santa, até o porto de Kaffa, no mar negro. De lá ele viajou por terras através de estepes, rumou para o norte, no lago Balkhash, onde atravessou as montanhas Altai, em seu diário traz relatos do que ele viu no caminho.

Preste João é movido mais por um senso generoso do que aquele por seus tesouros vive em um sonho, imagina um estado perfeito sobre o qual reina.

Fra Mauro se identifica com Fra William, acredita ter se tornado viciado nas observações e como Fra William caminha por países desconhecios, procurando notícias de algum reino místico, de que outros ouviram falar, mas que até agora não visitaram.

**Capítulo Treze**

Recebe a visita de um mercador que havia voltado da Pérsia e lidava com mercadorias exóticas. Passou-lhe informações contrastantes com sua profissão. O encontro com os Yazidis, adoradores do Demônio, relatou o novo sentido que havia encontrado depois de encontrar-se com o emir desse povo, tinha tonado capaz de ter uma vida nova.

Tudo no emir condizia com alguém que adorava Satã, seu povo tem adorado o Anjo Pavão que ele admitia ser o demônio e alertava que ninguém pronunciava tal nome sem correr risco de morte. Esse culto nasceu entre os adoradores do sol, que misturavam a crença católica, maometana e judaica. Possuem seus próprios livros sagrados inspirados no das crenças já citadas que proclamam a força e o poder de Satã.

O que mais chamou atenção foi a identidade se seu santo, Xeque Adi, um assassino do qual descende o emir. Ao que tudo indicava, os Yazidis decidiram abolir a bondade e a inocência como meta para legitimar o direito de Satã a existência.

A indignação do Mercador era o fato do emir do Yazidis ser um homem piedoso e que respeita o Nosso Senhor enquanto os que temem a Deus desprezam o diabo. Vivendo em aliança com o anjo caído, sentiam de certa maneira amados por ele. De seu ponto de vista acreditavam que o mal era fundamental para o mundo.

**Capítula Quatorze**

Foi trazida ao monge a ideia de que homens em diferentes lugares do globo podem ter diferentes crenças por um professor de retórica da Líbia. Conta de pesquisas sobre um povo perdido, os Gamarantes, que aparentemente não tinha escrita cujo não se sabe como falavam ou suas ideias.

Conta que visitou túmulos na Líbia, encontrou altares e obeliscos oque chamou a atenção para a relação de mais duas crenças, os gípcios que possuíam tais altares em forma de chifre e o obelisco dos cartaginenses. O que levava a crer que os Gamarantes não tinham crenças próprias e pareciam felizes por tomar emprestadas essas crenças, incapazes de se decidir por uma ou por outra assimilaram as duas.

A crença do Gamarantes atentou o monge que começou a indagar oque fazia a crença dele melhor do que a dos outros, e por isso levou a colocar em seu mapa tal civilização.

**Capítulo Quinze**

Nesse capítulo Fra Mauro indaga sobre o seu mundo, seu mundo é seu mapa e é conhecido apenas por aqueles que enxergam o invisível, o mapa que representa seu mundo insinua a solida suprema da terra.

Acredita que se soubesse quanto começou o mapa, que o vazio tomaria conta dele Fra Mauro teria optado por ter uma meditação segura ao invés de decifrar o mundo.

Ansioso por saber mais, o que intriga o monge são os espaços vazios de seu mapa. Conta das incertezas da região meridional onde segundo o monge espanhol Beatus de Liebana é desconhecida pelos filhos de Adão e não existe a raça humana e sim coisas que ela jamais viu. O sol torna impossível a entrada de humanos por ali e são habitadas por antípodas que vivem de cabeça para baixo em estações opostas as conhecidas. Indaga o monge se não seria o contrario, se ele não vivia ao contrario dos Antípodas.

Fala sobre o interesse de Veneza pelo mundo e retoma aos vazios de seu mapa e finaliza professando de que esses são a ultima fronteira que o separa de completara missão de sua vida.

**Capítulo Dezesseis**

Veneza tem o mundo nas mãos, cada navio que aporta carrega tesouros e desilusões colhidos em terras distantes. Os venezianos são mestres em criar demanda por coisas que outros nem mesmo ouviram falar.

Fra Mauro faz essas indagações após ler um livro de desde um poeta anônimo enviado por um comerciante veneziano que mora em Constantinopla. Pelos textos parece que a desconfiança entre turcos e europeus não impediu a troca de poesias. Parece que o poeta persa tinha sido inspirado por outro, um dervixe peregrino que não chamava lugar algum de casa. Até encontrar o poeta o dervixe acreditava que suas expectativas tinham sido infundadas, o poeta permitiu que sua sensibilidade fosse refinada e encontrasse sua humanidade perdida. Sua solidão era fruto da perda de contato com a humanidade. O poeta e o dervixe se tornaram inseparáveis, dois homens de crenças opostas haviam encontrado o respeito mútuo através de odes.

**Capítulo Dezessete**

É conhecida pelo monge a existência de florestas imensas, habitadas por animais esquisitos e flores exóticas no oriente. Comunidades inteiras vivem sob a sombra de enormes folhagens, que as protegem das chuvas. Em outros mapas há evidências de uma grande terra do Sul que incluía a Antártica, ligada a Terra do Fogo. Habitada por homens que pulam de um pé só, imenso. Conclui o Fra que existem ainda muitas maravilhas a serem descobertas e toma como exemplo a viajem de um padre jesuíta fez as Índias com o intuito de converter pagãos. Conheceu um povo que acreditava mais em pássaros do que em qualquer divindade nas alturas. Seu destino era determinado por sete pássaros sagrados, descrevendo a religião deles. Seus guias eram os pássaros e o do padre era o Senhor Jesus. Quando estava com eles conta que se lembrou das palavras de outro clérigo que afirmava que para conhecer as coisas era preciso conhecer a natureza.

**Capítulo Dezoito**

Fra Campeggio contou também mais sobre o que haviam ouvido sobre as lendárias Terras do Sul, os marinheiros afirmavam que era impossível de um ser civilizado sobreviver. Um marinheiro lhe contou que foi obrigado a recorrer ao canibalismo. O gosto da carne dos companheiros permanecia na boca até então e não conseguia apaga-lo. Contou sobre a nudez dos nativos, e que mudou sua visão sobre isso, descobriu q eles usavam seus corpos como mapas espirituais. A ideia sobre um mapa no corpo não passava pela cabeça de Fra Mauro. O corpo deles passara a personificar uma paisagem sagrada, fazendo o marinheiro aprender que o corpo não é só físico.

**Capítulo Dezenove**

Veio um mensageiro lhe trazer uma missiva em forma de pergaminho seu patrão era Sun Ssu-mo, sábio da corte chinesa. Conta que conhece o trabalho de Fra Mauro e lhe mostra sua descoberta, um elixir, a principio Fra Mauro pensou ser um mal entendido, pois não trabalhava com elixir tão pouco desejava criar asas como propunha a formula d sábio. Ao final o elixe se tratava de uma parábola no qual o elixir é apenas o estado de consciência profunda.

**Capítulo Vinte**

Fra Mauro discorre a melhor maneira se confeccionar um mapa. Para traçar um mapa exato do mundo é preciso ser cauteloso e não somente definir cada continente. A essência do mundo é uma questão sem importância para alguém que julga somente pela aparência exterior.

**Capítulo Vinte e Um**

Tudo está preparado, Fra Mauro faz orações e se põe a fazer o seu mapa a partir dos muitos rascunhos. Margens com cara de querubins, sereia, dragões e bichos estranhos. Conclui ser difícil de começar, indaga como colocar em um mapa, físico o que é invisível aos olhos. Colocou-se a fazer o mapa que é a extensão de seu mundo descrevendo detalhe por detalhe dele.

**Capítulo Vinte e Dois**

Após terminar o mapa ele acredita ter composto o mundo, ter mapeado toda essa superfície o fez sentir um mártir, sente que ele e o mapa são agora uma coisa só e se pergunta oque fazer com aquela preciosidade e conclui que o lugar daquele mapa é no coração dos homens. No fim dá a entender que Fra Mauro após cumprir sua missão encontra seu fim adentrando o reino do não-conhecimento.